



VIVER, MORAR, TRABALHAR: PRÁTICAS SOCIAIS E ETNICIDADES ENTRE OS MAIAS DE MÉRIDA, MÉXICO

Marcos H. B. Ferreira

PPGAS/UFG; IGPA/PUC Goiás

Email: marcoshbferreira@gmail.com

Resumo

Apresento, neste Grupo de Trabalho, algumas reflexões desenvolvidas a partir de uma etnografia sobre segregação espacial de populações maias em contexto urbano, realizada na cidade de Mérida, no estado mexicano de Yucatán, entre janeiro de 2018 e fevereiro de 2019.

As áreas onde residem os maias, nas periferias de Mérida, são representadas pelos outros habitantes da cidade como regiões precárias, violentas e perigosas. Essa representação, por sua vez, está em contradição com a percepção dos moradores dessas áreas e se entrelaça com uma discriminação étnica profunda que marca a história de Mérida desde sua fundação. Tal discriminação se traduz em uma série de estigmas a respeito dos maias e suas práticas sociais.

Nesta ocasião, a partir da categoria *paisagem*, tomada como um registro de práticas cotidianas de morar, trabalhar e mover-se na cidade, pretendo pensar a produção das fronteiras urbanas e os processos de exclusão e *invisibilização* de espaços, paisagens e populações, como uma das características típicas da segregação espacial em um contexto urbano com acentuada presença indígena, como é o caso de Mérida.

Palavras-chave: práticas sociais, paisagens, etnicidades urbanas

INTRODUÇÃO:

Mérida, capital do estado de Yucatán, localizada no sudeste mexicano, tem uma população total de 892.363 pessoas. No censo de 2015, quando o *Instituto Nacional de Estadística y Geografía* (INEGI/México) usou pela primeira vez o critério de "auto atribuição", 48,25% da população de Mérida se auto declarou indígena. Apesar de existirem outras etnias, por conta de processos migratórios que ocorreram em diferentes momentos da história, a população indígena de Mérida é predominantemente maia. Os maias ocupavam

toda a região da Península de Yucatán, onde se localiza Mérida, no momento que chegaram os colonizadores espanhóis.

A população de Mérida representa 42% da população de todo o estado de Yucatán, o que nos dá uma visão sobre a importância da cidade para aquela região. Sempre foi um centro econômico para a Península, por isso, constitui um dos principais destinos de imigrantes que chegam de vários *pueblos*¹ de Yucatán e de outras partes do México. Suas principais atividades são o comércio, a indústria manufatureira e o setor de serviços, segundo o INEGI (2015). É muito evidente, no cotidiano da cidade, a importância para a economia local das atividades relacionadas ao turismo e à construção civil.

Além de possuir uma divisão muito marcada de seu espaço, com limites bem definidos entre a região Sul, a região Norte e o Centro, principalmente, Mérida possui diferenças muito evidentes nas características das paisagens e das populações que habitam cada uma dessas regiões. No cerne dessas diferenças, a questão étnica aparece como um elemento estruturante, já que, a população maia de baixa renda reside em regiões específicas, principalmente ao sul de Mérida, enquanto que a população branca de média e alta renda reside principalmente ao norte. Estas posições espaciais baseadas em fatores como etnicidade e renda podem ser observadas na história da cidade desde a sua fundação. Mas existem acontecimentos históricos recentes que influenciaram deslocamentos indiretos de pessoas e produziram esse quadro de concentração da população maia em regiões periféricas às margens da cidade. Ou que produziram conflitos entre a população branca de alta renda e as populações maias que habitam *pueblos* situados no entorno de Mérida.

Entre janeiro de 2018 e fevereiro de 2019, realizei entrevistas com maias residentes em Mérida, sobre suas histórias de vida, com ênfase em atividades de trabalho e moradia. Tento compreender, a partir dessas histórias, alguns processos de transformação no espaço urbano de Mérida, tal como foram experienciados pelas populações maias residentes na cidade. E tento identificar os fenômenos de segregação espacial enfrentados por estas populações ao longo desses processos.

Nas próximas linhas, apresento partes de algumas dessas histórias de vida e, por uma análise comparativa, tento compreender o que elas são capazes de informar acerca de transformações mais gerais que ocorreram na história e na organização do espaço urbano de Mérida.

¹ Um *pueblo*, no México, é uma espécie de povoado, uma pequena cidade ou localidade comumente relacionada mais ao universo rural que ao universo urbano.



SKIMO

Skicmo é um dos principais artistas urbanos de Mérida, autor de uma personagem, a *mestiza*, bastante conhecida entre os que residem em Mérida, porque esteve muito presente nos muros da cidade por um tempo. Ainda hoje pode ser vista em alguns lugares, às vezes, acompanhada da expressão em maia “*Ko’ox mamii!*”, que significa “vamos, vovó!”.



Foto da personagem La Mestiza, de Skicmo, *graffitada* em um muro de Mérida

Os avós paternos de Skimo vendiam verduras em Mérida, a avó materna tinha uma banca no mercado, onde vendia roupas, seus tios vendiam água no cemitério. Hoje, sua família se dedica predominantemente ao trabalho na construção civil.

Skimo estudou e concluiu o que no México é chamado de *primária*, que equivaleria ao ensino médio no Brasil. Mais tarde, fez alguns cursos técnicos profissionalizantes, mas acabou não trabalhando nas áreas dos cursos que fez, porque começou a trabalhar com seu pai na construção civil, assim como seus irmãos. Segundo ele, foi a área em que havia oportunidades reais de trabalho e onde ele pôde ter uma renda mais rapidamente.

As histórias de sua família se misturam com histórias de trabalho. As lembranças de Skimo são atravessadas pela memória de uma “vida dura”, de muito trabalho, conjugada com lembranças felizes da infância nas ruas da *Colonia*² Emiliano Zapata, onde vive até hoje, e do próprio clima de alegria no ambiente de trabalho, que era marcado pelo prazer de

² O termo “colônia”, nas cidades do México, designa aproximadamente o que seria um bairro nas cidades brasileiras.



estar junto com seus familiares e de sorrirem juntos, em meio a piadas e brincadeiras, apesar do trabalho pesado na construção civil.

O pai dele morou de aluguel em Mérida, em três outros lugares (Ex Rastro, Mulsay, Ciudad Industrial) antes de chegar à Colonia Emiliano Zapata, onde finalmente pôde adquirir um terreno e construir, de maneira espontânea e por etapas, sua casa. No tempo em que pagava aluguel, portanto, ele residiu em bairros mais centrais. Inicialmente, morou dentro do círculo formado pela via Circuito Colonias, mas foi se deslocando para bairros mais periféricos até chegar na Colonia Emiliano Zapata. Suas mudanças de local de moradia seguem um deslocamento que vai do centro à periferia, o que é recorrente nas histórias de outros participantes da pesquisa ou de seus familiares.

Skimo acompanhou uma transformação intensa na paisagem da região da Colonia em que vive, simultânea ao processo de povoamento e urbanização. Suas lembranças caminham das descrições de paisagens típicas de um ambiente rural que existia antigamente para as descrições do ambiente urbano que existe hoje, passando por um estágio de precariedade e escassez de infraestrutura.

Assim, Skimo lembra que o clima era agradável antigamente, mas havia escassez de água. Não havia asfalto. Havia casas de papelão e de palha. As casas maias com teto de palha, para ele, estavam relacionadas de alguma maneira a esse período de precariedade. Porque à medida que os moradores tentaram “superar-se”, ou ascender socialmente por meio do trabalho, as casas foram sendo substituídas por casas de alvenaria até que deixaram de existir na Colonia.

Skimo construiu sua casa com a ajuda de seus familiares que trabalham com construção civil. Esse tipo de construção espontânea é recorrente em sua família, que possuía mais de um lote na região e por isso muitos de seus familiares vivem hoje próximos à sua casa. Um de seus tios se mudou para um bairro ainda mais afastado do Centro, depois de conseguir um financiamento para construir uma casa lá, por meio de um programa de moradias.

As representações sobre a região sul, relacionadas à ideia de um “lugar violento e perigoso”, difundidas no imaginário dos não moradores da região, contrastam com a percepção de Skimo enquanto morador. O tema da violência aparece em sua fala como um estigma atribuído desde fora, um preconceito que os não moradores têm e que está relacionado à presença do Presídio na região. Esse medo da região Sul é compartilhado não apenas pelos ricos que vivem no Norte, mas também pelos amigos de Skimo de outras *colonias* que vão visita-lo em sua casa e ficam com receio de sair às ruas da Colonia.



A violência, segundo as memórias de Skimo, foi algo presente na época das *pandillas*³, lembradas sempre como coisa do passado, um fenômeno circunscrito no tempo, com início e fim. Esse passado violento é tido, ao mesmo tempo, como “coisa de jovens”, passageira. Haviam, nessa época, pequenos delitos como assaltos e tráfico de drogas em pequenas quantidades. Havia um senso de território porque as *pandillas* envolviam os jovens do Bairro, que trocavam provocações e ameaças relacionadas a passar ou não poder passar em uma determinada rua, por exemplo. O risco de violência reforçava a importância de se ter redes sociais, pertencer a uma *pandilla* ou conhecer pessoas que cuidarão da sua proteção.

A família de Skimo é bilingue. Mesmo sendo uma família urbana, todos falam maia em diferentes níveis e a língua maia está intrinsecamente presente em seu cotidiano, inclusive nas brincadeiras e provocações feitas entre ele e seus amigos. Por falar maia, Skimo sofreu discriminação exatamente no ambiente escolar, e logo por parte da professora, que o chamou de “*pata rachada*” quando o ouviu falar em maia. A discriminação teve relação portanto com a ideia de “morar em um *pueblo*”, já que “*pata rachada*” é sinônimo de alguém que vive no campo, que trabalha na terra, que não é urbano.

Tanto na escola quanto nas ruas da Colonia, as “bromas” ou piadas com referências à identidade maia de forma discriminatória e inferiorizante eram muito frequentes. A influência que essas bromas exercem sobre os jovens e adolescentes de famílias maias é notavelmente forte.

O graffiti em sua vida tem relação com uma busca por suas referências identitárias, um exercício de pensar sobre si mesmo, suas origens e sobre seu lugar no mundo. O período em que morou em Playa del Carmen para trabalhar foi uma época de certa nostalgia, e também de muitas transformações pessoais, principalmente no que diz respeito à maneira como ele lida com sua identidade. Em Playa del Carmen, ele teve contato mais intenso com o graffiti, e ao voltar a Mérida, desenvolveu a personagem *mestiza*, que é sua principal marca como grafiteiro.

Em nossas conversas, Skimo quase não falou sobre suas raízes e sua origem maias, a não ser quando o tema da conversa foi o graffiti. Ao se referir à importância que suas origens maias possuem em sua produção de *grafiteiro*, é que ele pôde verbalizar sobre o que é ser maia, já que seus trabalhos são, para ele, uma espécie de ocupação do espaço público, mostrando que os maias estão ali presentes.

³ O fenômeno das *pandillas*, no México, equivale ao das *gangs* nos E.U.A. ou das “galeras”, no Brasil, com proximidades e diferenças, é claro.



GERARDO:

Gerardo Ek é um jovem advogado, guitarrista de uma banda de ska punk, nascido em um *pueblo* de Yucatán e que se mudou ainda adolescente para Mérida, junto com sua família. Seu pai, falante maia, tinha um cargo importante em uma indústria de processamento de henequém⁴, que ficava no *pueblo*. Mas a crise final do henequém, nos anos 90, impactou diretamente a história de sua família e do *pueblo* em que nasceu. Seu pai foi demitido, a indústria onde ele trabalhava fechou, a família teve que se mudar para Mérida, assim como várias outras famílias de seu *pueblo*. O sucesso de sua trajetória profissional progressiva o ajudou seu pai a conseguir um emprego em Mérida como faxineiro.

Seus pais se mudaram primeiro para Mérida, deixando os três filhos no *pueblo* por um tempo, sendo cuidados por tias, para que depois, quando estivessem melhor instalados, toda a família pudesse se mudar para lá. Nessa época, seus pais viveram na Colonia Emilio Porteziu, em uma casa muito simples emprestada por uma vizinha do *pueblo*. Quando seu pai e sua mãe decidiram trazer os três filhos para Mérida, a família foi morar em uma colônia na zona oriente de Mérida, chamada *Nova Chichen Itza*, onde também haviam vários outros migrantes vindos dos *pueblos* de Yucatán. Gerardo lembra que as colônias mais precárias e segregadas de Mérida, onde se concentravam os maias migrantes, eram chamadas de colônias “maladrinas”, de gente malandra, de baixa estirpe. Hoje seu pai continua vivendo na mesma Colônia, enquanto Gerardo, depois de ter morado no centro, com sua irmã, quando solteiro, vive em Ciudad Candel, um município na região metropolitana de Mérida.

Gerardo lembra que, pelo fato de ele e seus irmãos não falarem maia, muitas vezes sua família era considerada “menos maia” que outras famílias do *pueblo*. Inclusive haviam programas de assistência social dos quais não participavam. Gerardo acredita que seus pais tinham uma ideia de que eles não precisavam desse apoio do governo, embora precisassem. Mesmo assim, na escola onde estudava, em Izamal, o município mais próximo do *pueblo*, as crianças faziam piadas (“bromas”) porque seu cabelo era arrepiado e quase sempre o chamavam pelo nome do *pueblo* em que ele nasceu e vivia, Citilcum, e quase nunca pelo seu nome.

⁴ O henequém é uma planta nativa do Sul do México e Guatemala, muito utilizada por um determinado momento para a extração de uma fibra natural usada principalmente na navegação. O cultivo do henequém trouxe muito êxito econômico para a elite agrária de Yucatán, os proprietários das chamadas *Haciendas Henequeneras Yucatecas*. Mas esse sucesso ruiu muito rápido com o surgimento de novas fibras sintéticas, no período da segunda guerra mundial, principalmente.



A família de Gerardo ocupava uma posição peculiar em termos de status social no *pueblo*, porque seu avô era *guero*, branco, filho de um pai branco, embora nunca fora reconhecido pelo pai. Gerardo lembra que seu avô só escutava bolero e desprezava a *cúmbia*, que era a música que seus vizinhos no *pueblo* escutavam. Da mesma maneira, seu pai nunca conversou em maia, em casa, com os filhos, embora essa fosse sua primeira língua. Apesar das diferenças com seus vizinhos do *pueblo*, quando chegou a Mérida, Gerardo percebeu que era alguém que “veio de um *pueblo*”, como qualquer um de seus vizinhos.

Logo que chegaram a Mérida, um homem ofereceu um emprego a Gerardo em um depósito de refrigerantes. Foi seu primeiro emprego, do qual ele saiu depois de pouco tempo, foi trabalhar em uma reformadora de portas e nunca mais deixou de trabalhar. Ele começou a estudar turismo em uma escola técnica, mas não gostou muito e saiu. Depois cursou Direito na universidade do sindicato dos trabalhadores, que é privada, mas com mensalidades muito mais em conta que as outras universidades.

Depois que se formou, começou a trabalhar em escritórios de advocacia. Com o primeiro dinheiro que recebeu, pagou o que devia na universidade, cumpriu créditos e recebeu seu diploma. Logo foi trabalhar por dois anos em Campeche, um estado vizinho a Yucatán. Hoje, trabalha como advogado em um órgão público em Mérida.

Quando já estava na universidade, morou com sua irmã em um apartamento no centro. Nessa época ele transformou mais seu estilo de vida e ampliou sua rede de relações sociais. Segundo ele, se tornou mais urbano nessa época, morando no centro. Depois de um tempo, começou a namorar e logo decidiu morar com a namorada que é sua esposa hoje. Ela é de Mérida e não teve contato com o *pueblo* onde Gerardo nasceu, porque se conheceram depois que a avó dele havia falecido e sua família já não tinha o costume de visitar o *pueblo*. Ela se espanta com as histórias que ele conta sobre como faziam suas necessidades na casa em que viviam no *pueblo*, já que usavam o quintal como banheiro, o mesmo espaço onde criavam galinhas para a alimentação da família. As condições de moradia no seu *pueblo* eram diferentes das condições dos colegas de escola que moravam em Izamal. Ir ao banheiro na escola ou na casa de seus amigos para ele era uma experiência estranha.

A mudança para Mérida foi um divisor de águas em suas vidas, Gerardo lembra que nessa época eles tiveram que “deixar para trás o que eram e começar a ser outra coisa”. Gerardo teve que mudar o seu espanhol, sua maneira de falar, seu cabelo, sua linguagem corporal, sua maneira de estar no mundo.

Comentou que, depois que seu filho nasceu, passou a pensar mais em seu passado



no *pueblo*, na sua história de vida, ao perceber que seu filho também está percorrendo as mesmas etapas de vida que ele percorreu, com semelhanças e diferenças. Gostaria que seu filho tivesse conhecido sua história, suas raízes, mas é como se esse passado não existisse mais. Nesse momento seus olhos se enchem de lágrimas por um instante.

Gerardo concluiu os estudos universitários em Mérida e teve sucesso profissional e êxito econômico. Hoje seu pai já está aposentado e Gerardo o ajuda financeiramente. Por seu sobrenome maia, muitas vezes solicita um serviço, a instalação de um aparelho de ar condicionado por exemplo, e a empresa solicitada não realiza o serviço ou demora muito para responder à solicitação. Quando ele cobra o serviço, percebe que fizeram pouco caso ou não deram importância à solicitação registrada em seu nome, por tratar-se de um pedido de alguém com sobrenome maia, por desconfiarem de que ele não seria de fato um cliente em potencial, com condições de pagar pelo serviço.

Gerardo fala sobre suas origens maias com um discurso politicamente engajado. Ele se identifica como maia, mas essa auto identificação está colada a um discurso de superação e de êxito pessoal, já que ele estudou, se superou, e hoje é advogado. Gerardo também representa um exemplo interessante de maias que tiveram êxito profissional em Mérida, reconhecem suas origens maias e continuam sofrendo discriminações no cotidiano, mesmo que veladas.

LEO E SUA AVÓ

Leonardo é um jovem artesão de cerca de 35 anos que nasceu no Distrito Federal, mas viveu boa parte de sua vida em Mérida. Sua família por parte de mãe é maia de Yucatan. Morou por alguns anos na Europa em diferentes países. Mostrou-me várias fotos dessa época, quando participava de festivais de música eletrônica, fazia suspensão corporal com argolas e também vendia seus artesanatos: colares, pulseiras, brincos de pedra e prata. Disse que, apesar de ter representado a cultura maia pelo mundo, em todos os países por onde passou, sofre agora preconceito em Mérida, por parte de seus próprios parentes, por conta de suas tatuagens e piercings, ou, segundo ele, por “ser diferente”.

Senhora Trinidad, avó de Leonardo, com 96 anos, representava uma linhagem de mulheres *brujas* de Yucatán e de Mérida. Embora ela tenha vivido boa parte de sua vida fora, no Estado do México, sua mãe sempre viveu em Mérida e sua avó vivia em um *pueblo* de Yucatán. As memórias que ela tem da avó fazem referência à uma história muito antiga, conectada à dos maias pré-hispânicos, já que, nas suas palavras, atrás da “moradia das rainhas maias”, Chichen Itzá, construíram para sua avó uma casa de palha.



O bairro onde vivem, Colônia Brisas de San José, no Sul de Mérida, tem casas simples, alguns poucos estabelecimentos comerciais, principalmente pequenos comércios, muitos dos quais funcionam nas próprias casas de seus proprietários. Na praça central do bairro, vê-se o presídio ao fundo, muito próximo à casa de Leonardo. Ali perto, também havia também um restaurante popular onde Sra. Trinidad, sua avó, almoçava todos os dias.

A casa onde vivem é pequena, com uma planta simples, sem muros, igual a todas as outras casas de sua rua, construídas por meio de um programa de moradias de interesse social. Há um quarto, sala conjugada com a cozinha e um banheiro. A avó de Leo dorme em uma rede na sala e Leo ocupa o único quarto, onde está um pequeno altar que é de uso dos dois. O quintal é compartilhado com mais três casas vizinhas.

Na entrevista que realizei com eles, Sra. Trinidad lembrou em detalhes os endereços onde residiu ao longo da vida em Mérida, tanto na infância quanto depois de casada. As várias mudanças de residência pelas quais passou, mostram um esforço constante da família em ajustar atividades de moradia e atividades de trabalho e encontrar um lugar cujo valor do aluguel estivesse dentro do orçamento da família. Com dinheiro da venda de porcos, a mãe dela conseguiu comprar uma casa, livrando-se do aluguel, e então se mudaram do Bairro San Juan para o Centro. Ao casar-se pela primeira vez, foi morar com o marido na casa da mãe dele e vivia uma situação de forte exploração. Isso se repetiu com outros 3 maridos yucatecos até se casar com o francês com quem foi viver no Estado do México.

No passado, falava maia muito bem. Mas já não tinha mais com quem praticar. Somente quando ia ao Centro, conversava com as mulheres que vendem verduras na rua e se lembrava de algumas coisas.

A magia é um tema muito importante em toda sua fala e conecta seu discurso às suas raízes maias, às suas memórias familiares e ao conhecimento que ela recebera e transmitia a Leonardo. Da mesma maneira que a transmissão dos conhecimentos de magia a aproximou do neto, Leo também se aproximou muito mais da história de sua família, e tem construído um forte discurso identitário, como descendente de maias, que ele ainda não possuía quando se mudou de Mérida para a Europa. No caso de Leonardo, também contribuiu para esse processo o fato de que sua principal atividade de trabalho é o artesanato. Ele trabalha em contato direto com os turistas, vendendo seus produtos, e, segundo ele mesmo, os turistas gostam de tudo o que está relacionado à história e cultura maias.

Sra. Trindade desejava recuperar a casa que seu ex-marido vendeu no Estado do México, porque lá era onde ela fazia seus rituais e lá estão os seus “amigos”, ou “*diablos*”, seres não humanos que, nos seus próprios termos, trabalhavam com ela. Segundo relata,



ninguém mais conseguiu morar na casa depois que ela saiu. Todos os que a alugaram a casa a abandonaram, exatamente porque os “amigos” permaneceram lá. Em sua fala, a conexão com esta casa, que ela ainda chamava de “minha casa”, é forte e isso é perceptível pelo tom com o qual descreve em detalhes cada cômodo que a casa tem.

Na casa onde me receberam, ao Sul de Mérida, além de pagar aluguel, Sra. Trinidad não podia realizar, como antes, os seus rituais, porque o quintal era compartilhado com mais três casas vizinhas, sem muros, já que todas as casas foram construídas por meio de um programa de habitações de interesse social. Por isso, se sentia limitada, com um altar meio improvisado onde ela fazia alguns trabalhos “às escondidas”, já que, segundo ela, os yucatecos, seus vizinhos, são muito fofoqueiros, e ela não quer que eles saibam que ela é uma *bruja*.

A magia, justamente aquilo que a conecta de forma profunda à história e às memórias de sua família e a todo um conhecimento tradicional transmitido por gerações, precisa ser praticado de maneira clandestina, “às escondidas”, pelo preconceito que existe em Yucatán às práticas culturais dos povos nativos da região.

Magia, trabalho, práticas de moradia, identidade e racismo: todos esses temas se misturam no caso de Sra. Trinidad, de uma maneira que a questão “ser ou não ser maia” parece não fazer sentido algum para ela, porque o tema está demasiado entrelaçado a sua história de vida e suas memórias.

Havia sido vítima, anos antes, de forte violência doméstica, resistido a uma tentativa de homicídio por parte de seu último marido, o francês, que disparou várias vezes contra ela com um revólver. Mas Sra. Trinidad faleceu de causas naturais, poucas semanas depois da entrevista que realizei com ela.

MORAR E TRABALHAR: “ESTAR VIVO”

Nas histórias que reuni acima, os aspectos sobre moradia e sobre trabalho foram capazes de mobilizar memórias muito diversas e organizar longas narrativas, carregadas de acontecimentos importantes, imagens e afetos que transmitem um sentido coerente, integrado, sobre a história de vida de cada um desses participantes da pesquisa.

As atividades de trabalho são o principal caminho pelo qual os maias se inserem nos espaços e no cotidiano da cidade. E existem aí aquelas que se configuram como atividades típicas dos que são maias, por sua vez, desvalorizadas, mal remuneradas e marcadas por informalidades e/ou exploração.

No caso de Skimo, seus os avós paternos vendiam verduras nas ruas e a avó materna



tinha uma banca no mercado. É muito comum ver mulheres com trajes típicos e homens maias vendendo esses produtos em espaços públicos de Mérida. Os mercados, inclusive, são os lugares onde os não maias, a classe média que vive ao norte de Mérida, pode entrar em contato com os maias e comprar deles algum produto, principalmente verduras. Esses são lugares onde a presença maia está autorizada e não produzirá conflitos porque está de acordo com uma representação racista sobre o que é ser maia urbano.

Por outro lado, as atividades de magia que Sra. Trinidad realiza, são para ela, trabalho. Mas ela precisa realiza-las às escondidas, de maneira clandestina, devido ao preconceito existente em relação a esse tipo de prática tradicional.

Muitos homens maias trabalham na construção civil. Nessas atividades, muitas vezes, são classificados pelos não maias como indisciplinados porque bebem no trabalho, não cumprem o combinado e realizam “trabalhos mal feitos”, toscos ou sem cuidado, embora aceitem as remunerações mais baixas.

Gerardo rompe com esse padrão de atividades de trabalho típicas dos que são maias, já que concluiu o curso de Direito, trabalha como advogado e conquistou relativo êxito econômico. Dentre os casos apresentados, ele é o que possui um discurso político mais engajado sobre o que é ser maia, apesar de ter passado por um processo de forte transformações identitárias quando se mudou do *pueblo* a Mérida. Mas ainda sofre preconceito, não mais por suas práticas sociais, seu habitus, mas por seu sobrenome maia.

Nas histórias de moradia, são comuns em todos os casos apresentados as inúmeras mudanças de local de residência, seja como um esforço para se morar mais perto do local de trabalho ou estudos, seja pela busca de aluguéis compatíveis com a renda familiar ou, finalmente, pela possibilidade de adquirir ou construir uma casa própria e abandonar o aluguel.

A família de Gerardo se mudou do *pueblo* a Mérida depois que seu pai ficou desempregado, e foram residir em uma colônia precária e estigmatizada, na periferia da cidade, junto com várias outras famílias que chegavam dos *pueblos* em busca de emprego. Gerardo se mudou depois com sua irmã para o centro, para mais perto de onde estudavam. Por fim, ele se casou e adquiriu sua própria casa em Ciudad Caucel, município da região metropolitana de Mérida, onde novos bairros residenciais foram construídos em massa, por meio de programas do governo.

No caso de Skimo, o pai dele morou de aluguel em vários bairros do centro antes de se mudar para a Colonia Emiliano Zapata, deslocou-se, portanto, do centro à periferia, onde pode enfim adquirir um terreno e construir, por etapas, sua casa, com a ajuda de uma



rede de apoio familiar forte, já que sua família é constituída predominantemente por homens que trabalham na construção civil.

Sra. Trinidad também residiu em vários endereços no centro, antes e depois de casar-se com seus três primeiros maridos, que também eram maias, e cujas famílias também residiam em bairros que hoje são centrais. Depois disso, casou-se com um francês, mudou-se para o Estado do México, e recentemente havia regressado a Mérida. Pagava aluguel em uma casa muito simples, localizada próximo ao presídio, construída por meio de um programa de moradias de interesse social, e onde ela se sentia descontente, solitária, limitada, sem poder realizar seus rituais. Também não podia visitar os mercados do Centro, depois do acidente que sofreu quando embarcava no ônibus, o que lhe deixou com dificuldades para andar.

As mudanças de moradia, informam, a partir de um nível micro, ou seja, a partir das histórias de vida, portanto do plano pessoal, um processo mais amplo de exclusão e expulsão indireta dos maias para as regiões mais periféricas da cidade. Esse processo produziu uma distribuição espacial marcada por um padrão de segregação baseando na divisão norte e sul / centro e periferias, com os maias residindo predominantemente ao sul, que não por acaso é a região mais estigmatizada da cidade, representada como uma região precária, perigosa e violenta.

As práticas de moradia dizem respeito não apenas ao local de residência, mas também ao tipo de casas que os maias habitam, sua estética, materiais e técnicas de construção. As tradicionais “casas maias”, por exemplo, com formato circular, teto de palha e muretas de pedras à frente, são tidas, em Mérida, como coisa dos *pueblos* e não de uma grande cidade, embora eu tenha identificado mais de dez casas em arquitetura vernacular maia em Mérida. Além disso, existe a ideia de que estas casas tradicionais maias são “casas de pobres”, por isso, muitas vezes, seus moradores preferem demoli-las, transforma-las em uma casa de tijolos, mesmo que esta seja mais desconfortável, principalmente do ponto de vista térmico.



Casa com arquitetura vernacular maia em Mérida <https://goo.gl/maps/NdGwAwizPj82>

Um outro aspecto importante é que, como a grande maioria das casas onde vivem os maias, as de tijolos, são construídas em etapas por um processo de autoconstrução, como bem ilustra a história de Skimo e de sua família, é muito comum que elas apareçam inacabadas, já que esse processo pode durar vários anos. Esta característica é tomada como sinal de precariedade e algumas das casas, principalmente as casas de tijolos que conjugam técnicas e materiais de usos tradicionais maias, são chamadas de “casas rústicas”.

PRÁTICAS QUE PRODUZEM PAISAGENS

Tim Ingold, em sua discussão sobre paisagem, ao tratar das relações que as pessoas estabelecem com o ambiente em que vivem, e para substituir a “perspectiva da construção” que pressupõe projeto, planejamento e todo um *background* cultural na forma de modelos, normas e classificações, propõe o que ele mesmo nomeia de “perspectiva da moradia”. De acordo com essa perspectiva, a paisagem é sempre constituída como um registro duradouro, um testemunho das vidas das pessoas que habitaram essas paisagens e deixam nelas algo de si mesmas. (INGOLD, 2000, p. 189).

Ingold lembra que, para a teoria da Prática de Bourdieu, a cultura (o conhecimento cultural) não é “importada” da mente, mas produzida em contextos de experiência, no envolvimento entre indivíduos nas atividades práticas da vida. O próprio conceito de *habitus*, de Bourdieu, refere-se a um comportamento típico, expresso inclusive no corpo, que não provém de sistemas mentais ou representações, mas de atividades e tarefas realizadas cotidianamente (INGOLD, 2000, p. 162). Sabemos que o *habitus*, enquanto comportamento típico, indica também pertencimento de classe, assim como as tarefas e atividades a ele relacionadas, e as paisagens que tais tarefas produzem. Morar é uma dessas atividades.

Michel Agier define que a região é o que “distingue os espaços no conjunto urbano”



(AGIER, 2010, p. 66), no sentido de que a região é a “maneira como um lugar é definido pelos atores urbanos, quaisquer que sejam eles (desde o planejador até o habitante do fundo de um beco)” (Op. Cit.). Para ele, esse sentido de lugar “supõe a cidade inteira como contexto de referência” e corresponde a uma “cartografia imaginária dos cidadãos que vivem em certas partes da cidade, continuando a ter, sobre os outros espaços, pelo menos algumas experiências, ideias ou imagens” (Idem. p. 67).

As fronteiras urbanas surgem, dessa forma, em torno de cada região, como marcadores de relações, ou seja, marcadores de diferença e de posições diferenciadas no sistema de lugares que é a cidade. Indivíduos estrangeiros pertencentes a outras regiões podem percorrer uma região que não é a sua, mas sempre na condição de *outsider*, em níveis variados de estranhamento e identificação.

Para Agier, se a região permite localizar as identidades ligadas ao espaço urbano, é enquanto identidades externas, “no sentido de que elas emanam primeiro de um olhar dos atores exteriores ao espaço considerado, mesmo que elas sejam em seguida retomadas a partir de dentro nas relações de ego com outrem” (AGIER, 2010, p. 67).

Por uma análise das relações entre indivíduos e lugares é possível compreender as relações entre grupos sociais e os processos de diferenciação e segregação produzidos a partir daí. Tais relações podem ser pensadas a partir das experiências de movimento que os indivíduos vivenciam na cidade, ao longo de percursos (de casa ao trabalho e vice-versa, por exemplo) inscritos em suas práticas cotidianas.

Ingold contribui para essa discussão ao lembrar que “morar no mundo implica movimento” e que este movimento “não é entre localidades no espaço, mas entre lugares em ‘uma rede de ir e vir’” que ele também chama de “regiões” (INGOLD, 2000, p. 155). Por isso, saber a ‘localização’ de alguém é o mesmo que conectar seus últimos movimentos às narrativas de jornadas feitas previamente, por si mesmo ou por outros (Op. Cit.).

Michel de Certeau, ao comparar o caminhar urbano com a linguagem, afirma que, “no plano mais elementar”, caminhar pela cidade tem uma tripla função enunciativa: “é um processo de apropriação do sistema topográfico por parte do pedestre (...); é uma atuação espacial do lugar (...); e implica *relações* entre posições diferenciadas, ou seja, entre ‘contratos’ pragmáticos na forma de movimentos”. (DE CERTEAU, apud. ARANTES, 2000, p. 198). A discussão sobre o caminhar urbano que esteve muito presente em textos clássicos da sociologia urbana de Benjamin ou de Simmel, para citar apenas dois exemplos, precisa ser agora ampliada para se pensar as diferentes formas de mobilidade urbana e as desigualdades de acesso que elas incluem ao reproduzirem desigualdades econômicas e de

classe.

Na obra clássica sobre segregação espacial no Brasil, Teresa Pires Caldeira defendeu que:

As regras que organizam o espaço urbano são basicamente padrões de diferenciação social e de separação. Essas regras variam cultural e historicamente, revelam os princípios que estruturam a vida pública e indicam como os grupos sociais se inter-relacionam no espaço da cidade. (CALDEIRA, 2011: p. 211)

Mas é Bourdieu quem nos ajuda a compreender de que maneira as posições sociais e de classe se expressam também em forma de posições espaciais, bem como nos encontros (ou ausência de encontros) que acontecem na cidade. Segundo Bourdieu:

(...) É a sua posição presente e passada na estrutura social que os indivíduos entendidos como pessoas físicas transportam consigo, em todo o tempo e em todo lugar, sob a forma de *habitus* que trazem como roupa (...), marcas da posição social e, portanto, da distância social entre as posições objetivas, ou seja, entre as pessoas sociais conjunturalmente aproximadas (no espaço físico, que não é espaço social). (BOURDIEU 2002, p. 177- 178).

É na forma de práticas sociais (ou seja, inscritos nessas práticas) que os *habitus* fornecem conteúdo para os encontros sociais que atravessam o cotidiano da cidade. Ao mesmo tempo, os *habitus* organizam essas práticas, fornecendo-lhes uma estrutura, uma ordem, que reproduz e expressa as desigualdades de classe social. Desta maneira, segundo Bourdieu, os *habitus* servem para:

(...) “manter as distâncias” ou para as manipular estratégica, simbólica ou realmente, para as reduzir (coisa mais fácil para o dominante que para o dominado) ou as aumentar ou muito simplesmente as conservar (evitando “deixar-se ir”, “familiarizar-se”, em suma, “lembrando-se da sua posição”, ou, pelo contrário, evitando “permitir-se...”, “tomar a liberdade”, isto é, “ficando no lugar”). (BOURDIEU, 2002, p. 177- 178).

O ponto mais importante desta argumentação é que as práticas e experiências sociais, os encontros cotidianos e seus percursos, ou seja, o próprio ato de morar e mover-se na cidade ajudam a produzir uma realidade estruturada, visível no espaço urbano e na forma como ele se apresenta. Por isso, para Bourdieu, as “estruturas objetivas” que a ciência tenta apreender por meio da estatística (com seus gráficos e tabelas), conferem, nos termos do próprio autor, “a fisionomia” de um “meio ambiente social”, uma espécie de “paisagem coletiva” com suas ruas fechadas ou seus lugares inacessíveis, por exemplo. Porém, muito



mais do que isso, também inculcam através de experiências convergentes, e recorrentes, um certo sentido de realidade que seria, para Bourdieu, o princípio mais bem escondido das estruturas sociais e também o princípio de sua eficácia (BOURDIEU, 2002, p. 182-183).

Por isso as práticas sociais são tão importantes para Bourdieu, o que se percebe em seus esforços para construir o que ele chama de “Esboço de uma Teoria da Prática” (2000). No plano da experiência, nos encontros e interações, situações sociais que compõem a vida na cidade, os habitus que os indivíduos carregam consigo, por seu caráter “estruturado e estruturante”, fazem a ligação entre estruturas simbólicas e práticas sociais, que se inter-relacionam, como numa via de mão dupla. E assim produzem realidade, a “fisiognomia” de um “meio ambiente social”, ou seja, dentro da discussão que nos interessa podemos dizer que os habitus, expressos em práticas sociais, produzem cidade.

Ingold já havia notado, a partir da fenomenologia de Merleau Ponty, que a percepção do ambiente é uma experiência corporal. Bourdieu nos ajudará também a compreender que cada corpo que experiencia o ambiente é um corpo construído socialmente. O habitus, um conjunto de disposições e comportamentos típicos que indicam pertencimento de classe, constitui exatamente essa dimensão corporal da experiência social. Mais do que isso, “as estruturas que são constitutivas de um tipo particular de meio ambiente (e.g. as condições materiais de existência características de uma condição de classe) e que podem ser apreendidas empiricamente sob a forma das regularidades associadas a um meio ambiente socialmente estruturado produzem habitus” (BOURDIEU, 2002, p. 163, 164). Assim além de expressarem posições de classe, e por isso mesmo, os hábitos, inscritos nos corpos das pessoas como marcas de diferença, indicam também posições espaciais de cada classe social.

No livro *Las estructuras sociales de la economia* (2008), Bourdieu atribui a mobilidade e a não mobilidade residencial de ricos e pobres como dependente da posse ou não de capital econômico e cultural:

Desde su punto de vista, la movilidad o la *fijación* de los actores en el territorio, en el espacio de la ciudad, por ejemplo, es algo que no se debe al espacio mismo; no existe un arraigo o fijación de los actores que dependa estrictamente del lugar. La atadura al espacio, o las posibilidades de romper con esa atadura, está en función de la posesión o carencia del recurso económico que está en la base del orden social. El espacio urbano, que es un espacio marcado por la exclusión social, en términos de su relación con los actores sociales, se hace específico en cuanto actúa como medio, como mecanismo para que los propietarios de los recursos más significativos y los desposeídos establezcan el mapa de las diferenciaciones sociales. (LEZAMA, 2014, p. 30 - 31).



Essa noção de paisagem, não como uma representação, mas como o registro de práticas cotidianas que expressam desigualdades de classe social tem muito a contribuir para os estudos sobre segregação espacial urbana. Especialmente porque essa noção de paisagem e a “perspectiva da moradia” propostas por Ingold podem ajudar a compreender a produção de desigualdades entre as paisagens hegemônicas das chamadas “áreas nobres” e paisagens marginais das áreas periféricas, estigmatizadas e invisibilizadas, pelo imaginário social, dentro da cartografia imaginária que caracteriza uma cidade. Para mim, estas distinções estão no cerne dos fenômenos de segregação espacial urbana, e serão melhor discutidas em uma outra ocasião. Para isso, será necessário compreender de que maneira essas atividades práticas às quais se refere Ingold estão conectadas a outras atividades simbólicas e significados culturais envolvidos nelas, conforme demonstrou Bourdieu, e que constituem uma outra dimensão, equivalente e complementar, presente em toda atividade humana. Em outras palavras, interessa compreender como práticas sociais e significados culturais participam da produção do ambiente vivido e experienciado, com suas desigualdades e fenômenos de exclusão.

Desta maneira, diminuiremos os riscos de, ao tentar fugir de oposições dualistas como “mente e corpo”, “cultura e natureza”, “sujeito e objeto”, conforme propõe o próprio Ingold, cair em outras oposições também simplificadoras como atividades práticas e atividades simbólicas; percepção do ambiente e interpretação; produção e imaginação, por exemplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOURDIEU, Pierre; PEREIRA, Miguel Serras. *Esboço de uma teoria da prática*: precedido de três estudos de etnologia cabila. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 2002

BRACAMONTE Y SOSA, Pedro. La península remodelada: los maias y la movilidad espacial. Jesús Lizama Quijano (Ed.), *Entre irse y quedarse... Estructura agraria y migraciones internas en la Península de Yucatán*, Editorial Letra Antigua, Mérida, 2013.

CALDEIRA, Teresa. Cidade de muros. São Paulo: Editora 34, 2011.

ITURRIAGA, Eugenia. *Las élites de la ciudad blanca: racismo, prácticas y discriminación étnica en Mérida, Yucatán*. Tesis de doctorado en el Instituto de Investigaciones Antropológicas. México: FFyL-UNAM, 2011.

INGOLD, Tim. *Dwelling. The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skills*. London and New York: Routledge, 2000.

LEZAMA, José Luis. Teoría social, espacio y ciudad. El Colegio de México, 2014.

LIZAMA QUIJANO, Jesús (Ed.). *Entre irse y quedarse...: estructura agraria y migraciones*



internas en la península de Yucatán. Letra Antigua, Mérida, 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; ANDRADE, José Agnelo Alves Dias de. Uma experiência de etnologia urbana: a presença indígena em cidades da Amazônia. *Paisagens Ameríndias: Lugares, circuitos e modos de vida na Amazônia*, v. 1, p. 45-74, 2013.

REED, Nelson. *La guerra de castas de Yucatán*. Ediciones Era, 2014.

REYES, Guadalupe. *Carnaval en Mérida: fiesta, espectáculo y ritual*. Conacultura, INAH, Colección Obra Varia, 2003.